

UM EXEMPLO DE SUBJETIVIDADE NA LITERATURA NATURALISTA: O ENVOLVIMENTO DO NARRADOR DE *O CORTIÇO* NA APRESENTAÇÃO DE FATOS NARRADOS

Messias dos Santos Santana (Professor, UESPI)

messiasdsantana@click21.com.br

RESUMO: Este texto discute a subjetividade, entendendo-a como o manifestar do sujeito falante no discurso. Para efetuar tal discussão, caracterizar-se-á a subjetividade como se manifestando de duas maneiras na linguagem verbal. Neste texto, estabelecer-se-á, ainda, uma comparação entre a subjetividade da escola romântica e a presente no Naturalismo e, para finalizar, analisar-se-ão algumas passagens – através do reconhecimento de marcas lingüísticas que revelam subjetividade – do capítulo nono de *O cortiço*, a partir das quais se procurará demonstrar a teoria apresentada e que na escola naturalista há subjetividade.

Palavras-chave: objetividade, subjetividade, marcas lingüísticas, literatura romântica e literatura naturalista.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma característica tão natural ao seres humanos e neles está tão enraizada que a empregam, em seu cotidiano, de forma muito espontânea, quase sempre, sem nenhuma idéia da complexidade que envolve essa forma de comunicação. Um exemplo de tal fato pode ser identificado quando se analisa a relação entre quem

fala e o que é falado, no sentido de reconhecer-se se, no momento em que apresenta os fatos que experiencia (ou sente), os está apresentando como um simples relato, sem nenhum envolvimento com relação ao que está sendo apresentado, ou apresentá-los de modo que é possível ser encontrado o seu envolvimento frente ao que está apresentando.

Identificar, no entanto, se alguém está falando de modo objetivo ou subjetivo nem sempre é fácil. E, muitas vezes, é, até mesmo, uma atividade com um alto grau de dificuldade, pois, ao pôr uma língua em funcionamento, fatores não-lingüísticos se fazem presentes e exercem importante papel no tornar um discurso objetivo ou subjetivo.

Nesse sentido, este estudo pretende demonstrar que um texto pertencente à literatura naturalista, tradicionalmente vista como objetiva, pode apresentar, sim, certo caráter subjetivo. Antes, todavia, far-se-á, aqui, um breve confronto entre objetividade e subjetividade.

2. DA OBJETIVIDADE À SUBJETIVIDADE

Partindo do ponto de vista de que “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou (BENVENISTE, 1991, p.285)”, Benveniste afirma que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (idem, p.286). E, na linguagem, à medida que dela faz uso, o homem instaura a subjetividade, que “é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (idem, p.286).

Desse modo, na apresentação do que experiencia (ou do que sente) – tendo em vista que, no uso da linguagem, segundo Benveniste, acima citado, o homem se faz sujeito –, pode-se dizer que é impossível esse sujeito não se fazer presente no interior do

que ele apresenta, uma vez que “se a linguagem é produzida por um falante que sente a necessidade, a conveniência, o desejo ou o prazer de dizer algo, ela é sempre subjetiva”. (OLIVEIRA, 2000, p.111).

Esse fazer-se presente, no entanto, não ocorre da mesma maneira, de modo que é possível identificar dois tipos de discurso para o sujeito: 1) o discurso em que ele apresenta o que sente ou o que observa sem incorporar a esse discurso um posicionamento estritamente pessoal, isto é, apresenta-os de uma maneira que o que ele diz pode ser confirmado por outras pessoas; 2) a outra maneira é aquela em que ele se põe diante dos fatos ou do que sente e incorpora ao relato deles observações resultantes do posicionamento dele frente aos fatos observados ou sentimentos relatados. Tanto uma como a outra maneira podem ser identificadas por meio de marcas lingüísticas presentes no discurso, ou segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.80),

[...] Quando um sujeito da enunciação se encontra diante do problema da verbalização de um objeto referencial, real ou imaginário, e que para fazer isso ele deve selecionar certas unidades do estoque lexical e sintático que o código lhe propõe, ele tem, de um modo geral, a escolha entre dois tipos de formulações:

- o discurso ‘objetivo’, que se esforça por apagar todo o traço da existência de um enunciador individual;
- o discurso ‘subjetivo’, no qual o enunciador se apresenta explicitamente (‘eu acho isso feio’) ou se põe implicitamente (‘isso é feio’) como a fonte avaliativa da asserção. ¹(KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.80).

Um tal discernimento abre, portanto, a possibilidade para uma classificação da subjetividade em dois tipos: 1) a subjetividade explícita; 2) a subjetividade implícita. O primeiro tipo ocorre quando o sujeito se apresenta explicitamente no interior do discurso, sob a forma de um pronome pessoal ou possessivo que indicam primeira pessoa, assim como de advérbios que podem exercer essa função. É lógico que a

simples utilização dessas marcas lingüísticas não garantirá ao discurso o *status* de subjetivo, pois este é constituído na relação que elas estabelecerão com as demais palavras que formam o contexto lingüístico e com o contexto extralingüístico. Já o segundo tipo ocorre quando o sujeito se posiciona frente ao que ele apresenta, mas de modo indireto, para o que não emprega nem pronome pessoal, nem pronome possessivo, nem advérbio indicativo de primeira pessoa.

Um exemplo claro desses dois tipos de subjetividade podem ser identificados no âmbito da literatura brasileira, quando se compara, por exemplo, o Romantismo e o Naturalismo. No Romantismo, o sujeito se apresenta explicitamente no discurso, no qual busca revelar seus sentimentos, conforme a seguir:

Quanto sofro por ti! Nas longas noites/Adoeço de amor e de desejos/E nos meus sonhos desmaiando passa/A imagem voluptuosa da ventura.../Eu sinto-a de paixão encher a brisa,/Embalsamar a noite e o céu sem nuvens,/E ela mesma suave descorando/Os alvacentos véus soltar do colo,/Cheirosas flores desparzir sorrindo/Da mágica cintura. (Álvares de Azevedo, citado em COUTINHO, 2004, p.146).

Observe que, nesta passagem, são marcas lingüísticas identificadoras do sujeito do discurso o pronome pessoal *eu* elíptico nas formas verbais de primeira pessoa (*sofro* (linha 1), *adoeço* (linha 2), *sinto* (4)). Dessa forma, verifica-se que o trecho acima é repleto de subjetividade. Isso porque, por meio do uso dessas marcas lingüísticas que indicam subjetividade, o seu sujeito se explicita ao falar de seus desejos amorosos. Eis, pois, um exemplo de subjetividade explícita.

Essa subjetividade explícita no Romantismo acontece porque

A atitude romântica é pessoal e íntima. É o mundo visto através da personalidade do artista. O que releva é a atitude pessoal, o mundo interior, o estado de alma provocado pela realidade exterior. Romantismo é subjetivismo, é a libertação do

mundo interior, do inconsciente; é o primado exuberante da emoção, imaginação, paixão, intuição, liberdade pessoal e interior. Romantismo é liberdade do indivíduo. (COUTINHO, 2004, p.9).

Um outro fator para que ela aconteça é o fato de que nesse movimento literário há “[...] o culto do eu. O clássico era mais reservado, mais impessoal, mais objetivo. O romantismo trouxe uma profunda subjetivação da arte. Explorou como nunca o egotismo. Para o romântico, o mundo girava em torno do seu coração. [...] O romântico não atende razões.” (BONET, citado em SODRÉ, 2002, p.226).

O Naturalismo, por sua vez, em oposição ao Romantismo, não estava voltado para a expressão do “eu”, mas para o relato de fatos do mundo real, de acontecimentos sociais.

O romancista naturalista [...] não precisava assumir a atitude do pregador, no seu intuito rebelde: bastava-lhe a transposição da realidade, na sua crueza, na sua brutalidade e nos seus atos vis, para que daí se inferisse a necessidade da transformação social que era o alvo da Revolução. (COUTINHO, 1986, p.74).

Daí Coutinho (1986, p.10), baseando-se em Hibbard, apontar como característica do Naturalismo a seguinte característica do Realismo: “[...] O Realismo encara a vida objetivamente. Não há intromissão do autor, que deixa as personagens e os circunstantes atuarem uns sobre os outros, na busca da solução. O autor não confunde seus sentimentos e pontos de vista com as emoções e motivos das personagens.”² Ao que acrescenta que “[...] O naturalista observa o homem por meio do método científico, impessoal e objetivamente [...]”. (idem, 1986, p. 12).

Isso, no entanto, não consegue eliminar do Naturalismo a presença do sujeito enunciator, isto é, mesmo nessa atitude, faz-se presente a subjetividade. Essa subjetividade, por sua vez, não se encontra explícita, já que o objetivo do sujeito

enunciador não é falar de si, mas dos fatos, isto é, a subjetividade se põe no momento em que o sujeito enunciador faz uma espécie de avaliação dos fatos que narra. Como, então, identificar se esses fatos são apresentados de maneira subjetiva? Isso pode ser feito através do levantamento de marcas lingüísticas associadas ao contexto em que elas surgem, conforme a seguir.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Nesta seção serão analisados alguns trechos retirados do capítulo nono do livro *O cortiço*, através dos quais se procurará mostrar que o capítulo em análise, mesmo o seu narrador não se apresentando, em nenhum momento, sob a forma do “eu”, apresenta uma alta carga de subjetividade. Dessa forma, ele não se atém somente à apresentação dos fatos ou das personagens, o que faz que, freqüentemente, se encontrem comentários dele quanto ao que narra ou à personagem que caracteriza³.

Assim, na seguinte citação, “Uma transformação, *lenta e profunda*, operava-se nele, dia a dia, hora a hora, *reviscerando*-lhe o corpo e *alandando*-lhe os sentidos, num trabalho *misterioso e surdo de crisálida*.” (AZEVEDO, 1998, p.85), encontra-se o narrador posicionando-se frente às transformações sofridas pela personagem Jerônimo, após vir de Portugal para o Brasil. Perceba-se, aqui, que, por meio do uso dos adjetivos e dos verbos destacados no trecho acima, o narrador incorpora aos fatos narrados algo que é resultado de sua avaliação acerca de todo o processo apresentado, caracterizando, dessa forma, um discurso subjetivo, apesar de ele não apresentar tal fato, explicitamente, como seu ponto de vista, tal como nos trechos do Romantismo acima analisados. Observe, ainda, que seria, perfeitamente possível, a formulação de um

entendimento básico acerca do fato acima narrado, caso fossem retiradas as passagens acima destacadas, uma vez que não fazem parte da estrutura básica dos acontecimentos, sendo, pois, informações acessórias, captadas pelo narrador e incorporadas aos fatos narrados. Veja-se como ficaria o trecho acima, caso o narrador optasse por um discurso objetivo: “Uma transformação operava-se nele, dia a dia, hora a hora.”

É lógico que a compreensão não ficaria tão detalhada como quando se incorpora ao discurso as marcas lingüísticas capazes de indicar subjetividade, mas seria uma maneira de o narrador apresentar os fatos que observara. Veja-se, ainda, que se não forem observadas com a devida atenção as passagens destacadas podem passar como integrantes dos acontecimentos e não como comentários.

No capítulo em análise, no entanto, não existe só este exemplo de subjetividade, assim como as estruturas lingüísticas capazes de transmitir essa subjetividade não são só adjetivos e verbos. Dessa forma, abaixo serão apresentados novos exemplos de subjetividade retirados do capítulo em análise, destacando além desses elementos identificados no exemplo acima, outros que atuam em função semelhante.

3.1. A subjetividade através de adjetivos

Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006, p.94), uma das marcas lingüísticas que podem transmitir subjetividade é o adjetivo. Assim, no trecho seguinte, “Mas é que não sei ... balbuciou a *pobre* mulher. ” (AZEVEDO, 1998, p.87), no qual ele se refere à personagem Piedade, o adjetivo *pobre* traz algo que é da opinião do narrador, como se ele se compadecesse do sofrimento pelo qual a personagem passa. Assim, por meio desse adjetivo, ele se coloca ao lado dessa personagem, como que a defendê-la, a

lamentar por seu sofrimento. É claro que esse adjetivo adquire, mais ainda, valor subjetivo dentro do contexto em que se encontra.

Outros exemplos, nos quais se pode perceber a participação subjetiva do narrador de *O cortiço* através do uso de adjetivos, no capítulo em estudo, estão nos trechos abaixo, em que, no primeiro exemplo, ele narra, com detalhes, o comportamento de Jerônimo diante da Rita Baiana, caracterizando esse comportamento de maneira extremamente subjetiva, enquanto que, no segundo, em sua descrição das roupas de Léonie, claramente apresenta informações que não são resultados de uma observação objetiva, mas de uma tomada de posição com relação aos fatos que ele observa: 1) “[...] e durante o pagode [Jerônimo] ficava de *queixo bambo*, a ver dançar a mulata, *abstrato, pateta, esquecido de tudo; babão*. E ela, *consciente do feitiço*, que lhe punha ainda mais se requebrava [...]”. (idem, p.89). 2) “Léonie, *com as suas roupas exageradas e barulhentas* de cocote à francesa, levantava rumor quando lá ia e punha expressões de assombro em todas as caras. O seu vestido de seda cor de aço, enfeitado de encarnado sangue de boi, *curto e petulante* [...]”. (idem, p.95).

3.2. A subjetividade através de verbos

Um outro exemplo dessa subjetividade do narrador de *O cortiço* pode ser encontrado na citação a seguir, “[...] a pimenta malagueta e a pimenta-de-cheiro *invadiram vitoriosamente* a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto *foram repelidos* pelos ruivos e *gostosos* quitutes baianos [...]”. (idem, p.86), por meio da qual – continuando ainda a falar sobre as mudanças pelas quais Jerônimo passou – fala acerca de como a pimenta passou a fazer parte do cardápio dele. Observe que a forma

como o narrador percebe essa inserção da pimenta na cozinha de Jerônimo é como uma invasão, portanto, houve uma luta contra os hábitos que este possuía. Como resultado dessa invasão, tem-se, ainda na percepção do narrador, que certos hábitos do português foram repelidos, isto é, segundo o narrador não foi uma simples substituição, mas a personagem passou a ter repulsão por hábitos que trouxe de sua terra. Contribui, ainda, para a compreensão dessa subjetividade a presença do advérbio *vitiosamente*. Encontra-se, também, na citação acima, o narrador avaliando, positivamente, por meio do uso de um adjetivo, os quitutes baianos, os quais são chamados por ele de *gostosos*.

Na citação a seguir, “Esta [Florinda], embalde tentava escapar-lhe, *berrava* como uma louca.” (idem, p.90), o narrador, ao empregar o verbo *berrar* para descrever o ato vocal realizado por Florinda, apresenta-a com características animais, associando o seu gritar (a maneira do seu gritar) ao “gritar” de alguns animais. Isso, por sua vez, pode ser qualificado como subjetivo, no sentido de que, entre os verbos *gritar* e *berrar*, por exemplo, ele opta pelo segundo, sendo que o primeiro poderia expressar, também, satisfatoriamente, o fato descrito.

3.3. A subjetividade através de advérbios

Além das marcas lingüísticas acima citadas também os advérbios são capazes de veicular a subjetividade do enunciador num determinado discurso, segundo Maingueneau:

Entre as marcas de subjetividade, é preciso igualmente atribuir um lugar importante aos advérbios ditos ‘de frase’ ou ‘modalizadores’. Enquanto os ‘advérbios de modo’ incidem apenas sobre o sintagma verbal (*ele andava lentamente*), os advérbios de frase incidem sobre o conjunto do enunciado. Uns permitem apreciá-

lo sob o ponto de vista de sua verdade (*talvez, sem dúvida, certamente*), outros são avaliativos (*felizmente, por sorte, etc.*).

Ao lado desses termos que incidem sobre o *enunciado*, há os que incidem sobre a própria *enunciação*. Assim, em

Sinceramente, não acredito estar enganado

o advérbio qualifica o próprio ato de dizer ‘eu não acredito estar enganado’, a imagem que o enunciador pretende dar desse ato. (MAINGUENEAU, 1996, p.49-50).

No caso do capítulo em análise, encontram-se dois dos tipos de advérbio comentados por Maingueneau, conforme a seguir: 1) “*Uma outra noite a coisa ainda foi pior*. [...] Jerônimo fingiu-se indisposto, negou-se, e terminou por dizer-lhe, *repelindo-a brandamente*: [...]”. (idem, p.87) 2) “*Não! definitivamente* estava caído!” (idem, p.89), em que, no primeiro exemplo, além da frase avaliativa destacada, avaliativa de uma situação, existe o advérbio de modo *brandamente*, que, associado ao verbo *repelir*, traz aquele que enuncia para participar do discurso, no sentido de que insere, nos fatos que foram observados, a presença do sujeito do discurso. No segundo exemplo, além do advérbio em situação exclamativa, existe o advérbio de frase *definitivamente*, por meio do qual o sujeito enunciador conclui a totalização das transformações sofridas pela personagem Jerônimo.

3.4. A subjetividade através de frases axiológicas⁴

Neste estudo, além das marcas lingüísticas acima identificadas e que são apontadas por Kerbrat-Orecchioni e por Maingueneau como portadoras de subjetividade, identificou-se, ainda, que o narrador do livro *O cortiço*, no capítulo em análise, insere-se, subjetivamente, na apresentação dos fatos narrados, por meio de orações ou frases

inteiras, estruturas lingüísticas essas não apontadas como podendo ser subjetivas, nos autores consultados. A seguir, seguem-se alguns exemplos de tais marcas: “Ao passo que com a mulher, a S’ora Piedade de Jesus, *o caso mudava muito de figura*. Essa, *feita de um só bloco, compacta, inteiriça e tapada* [...]”. (AZEVEDO, 1998, p.86).

Observe que, na primeira estrutura lingüística destacada, não há um elemento em si que carregue a subjetividade com que o narrador apresenta o comportamento de Jerônimo para com a sua mulher. Na verdade, é toda a oração que faz com isso aconteça. No segundo trecho destacado, ao lado da oração *feita de um só bloco*, há, também, os adjetivos *compacta, inteiriça, e tapada* que trazem a maneira como o narrador vê a personagem Piedade.

Um outro exemplo em que o narrador faz uso de uma oração para manifestar a sua subjetividade no capítulo em análise é a frase a seguir, na qual ele avalia um determinado comportamento de Jerônimo com relação a Piedade: “E, numa noite, Piedade ficou com o coração ainda mais apertado, porque ele [Jerônimo], *a pretexto de que no quarto fazia muito calor*, abandonou a cama [...]”. (idem, p.87).

E, para finalizar com os exemplos relativos a esta seção, apresento o exemplo a seguir, no qual, de forma exclamativa e categórica, o narrador conclui acerca da atração que Jerônimo sentia por Rita Baiana: “*Ah! já não havia dúvida* que mestre Jerônimo andava meio caído para o lado da Rita Baiana; [...]”. (idem, p.88).

De tudo o que se analisou até aqui, com relação ao *corpus* selecionado, observa-se que a preocupação primeira do narrador de *O cortiço*, no capítulo em análise, é a apresentação dos fatos, o que faz que haja o predomínio do discurso objetivo. Isso, no entanto, não impede que os fatos apresentados sejam constantemente avaliados por ele, carregando – conforme se demonstrou acima – o texto de subjetividade. Esta, contudo,

encontra-se, de um certo modo, camuflada, uma vez que seu narrador, em nenhum momento do texto, se põe explicitamente, o que, nalgumas situações, até dificulta o reconhecimento dessa subjetividade no texto. Verifique-se, também, que, em muitos dos trechos analisados, a ausência das marcas destacadas como portadoras de subjetividade não impediria a construção da compreensão deles, assim como poderiam ser substituídas por outras com características objetivas.

4. CONCLUSÕES

Conforme se demonstrou acima, a produção de linguagem é, por sua natureza, subjetiva. No momento de apresentação dos fatos ou sentimentos, no entanto, o sujeito pode optar por uma construção objetiva ou subjetiva, de acordo com o grau de inserção com que ele quer aplicar-se ao que apresenta.

Quanto à subjetividade, ele pode, ainda, colocar-se, no discurso, de tal forma que seja facilmente reconhecida a presença do sujeito (subjetividade explícita), assim como pode apresentar-se de modo implícito, de tal forma que a sua participação no discurso não seja de fácil reconhecimento (subjetividade implícita), conforme exemplos acima apresentados, retirados respectivamente da literatura romântica e da literatura naturalista. Essa subjetividade, em qualquer um dos dois tipos acima, pode ser percebida através de marcas lingüísticas tais como adjetivos, verbos, advérbios e frases, às quais devem ser associados o contexto lingüístico e o extralingüístico.

Uma outra conclusão importante que se obtém por meio desta pesquisa é que a subjetividade não está, necessariamente, vinculada à exposição do sujeito que faz uso do discurso, isto é, não necessariamente deve o “eu” estar explícito. Esta conclusão traz

uma outra: nem todo discurso em que o “eu” está ausente é objetivo. Um exemplo claro disso é o discurso do narrador de *O cortiço*, que se apresenta em terceira pessoa, mas é altamente subjetivo, no capítulo cujos fragmentos foram analisados.

Abstract: This text discusses subjectivity as the manifestation of the speaker subject in the discourse. In order to make such a discussion, one will characterize subjectivity in two ways in the verbal language. In this text, one will also establish a comparison between subjectivity from the romantic school and the one present in the naturalism; at the end, one will analyze some passages – through the recognition of the linguistic marks which reveal subjectivity – in chapter nine from *O Cortiço*, from which one will try to show the theory presented and the existence of subjectivity in the naturalist school.

Key-words: Objectivity, subjectivity, linguistic marks, romantic and naturalist literature

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 33ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: era realista*. v. 4. São Paulo: J. Olympio, 1986.

_____. *A literatura no Brasil: era romântica*. v. 3. 7 ed. rev. e atual. São Paulo: Global, 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation: de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. Tradução Maria Augusta Bastos de Mattos. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OLIVEIRA, Nubiciara Fernandes de. *Mecanismos de manifestação da subjetividade no texto argumentativo*. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da. (Org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDUFRN, 2000.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

¹ Tradução nossa.

² Entende-se que esta característica do Realismo é estendida por Coutinho ao Naturalismo no instante em que ele diz que o Naturalismo “[...] é um Realismo a que se acrescentam certos elementos que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele. Não é apenas um exagero ou uma simples forma reforçada do Realismo [...]. É um Realismo fortalecido por uma teoria peculiar, de cunho científico, uma visão materialista do homem, da vida e da sociedade.” (p.11).

³ Todos os destaques existentes nas citações que daqui em diante serão apresentadas não estão presentes no texto original, sendo portanto grifos nossos. Os destaques em negrito e itálico representam as marcas lingüísticas mais importantes na construção da subjetividade desses trechos. Preferiu-se usar esses destaques para diferenciar os trechos de *O cortiço* que serão analisados do restante do texto.

⁴ Por frase axiológica, entender-se-á, aqui, a frase por meio da qual se exprime um julgamento de valor com relação ao que está sendo dito ou narrado.